

“SILÊNCIO”, DE SHUSAKU ENDO, E O CATOLICISMO JAPONÊS: UMA INVENÇÃO DO OCIDENTE?

Samara Leonel¹

Resumo: Em seu romance “Silêncio”, Shusaku Endo (1912-1996) apresenta um recorte da história do início do Catolicismo no Japão, no séc. XVII, quando os cristãos estão sendo perseguidos pelo xogunato, tendo como personagem principal o missionário Sebastião Rodrigues. Através da trajetória do jesuíta, Endo levantará uma série de questões sobre a absorção da religião católica no Japão. Um de seus argumentos é que o Japão é uma espécie de pântano que absorve as influências culturais alienígenas, mas as “metaboliza” e transforma numa nova realidade. Isso faria com que a situação do cristão japonês fosse muito particular por ter que vivenciar sua fé numa total falta de referências culturais. Procuraremos analisar essa abordagem nos baseando nas idéias de Edward B. Said sobre a “criação” do Oriente pelo Ocidente dos colonizadores europeus e procurando adaptá-la ao contexto cultural japonês.

Palavras-chave: literatura histórica, literatura japonesa, Silêncio, Shusaku Endo, cristãos no Japão, Edward Said, representação cultural

Abstract: In his novel “Silence”, Shusaku Endo (1912-1996) presents a cutting out of the history of early Catholic Church in Japan, in the 17th century, during persecution of Christians by the shogunate, having the missionary Sebastião Rodrigues as main character. Through the course of that Jesuit, Endo will raise several issues of the absorption of Catholic religion in Japan. One of his arguments is that Japan can be seen as kind a swamp, which absorbes foreign cultural influences, but metabolizes and transforms then into a new reality. As result, the situation of japanese Christians would be very particular, having to experience his faith under complete lack of cultural references. We will analyze this approach, based on the thoughts of Edward B. Said about “creation” of the Orient by the Occident of the European colonist and try to adapt it to japanese cultural context.

Keywords: historical literature, japanese literature, Silence, Shusaku Endo, Christians in Japan, Edward Said, cultural representation.

1. Introdução

O Cristianismo começa a se expandir no Japão a partir de 1549, com a chegada do missionário jesuíta basco Francisco Xavier. Seu trabalho, em conjunto ao napolitano Alessandro Valignano, proporcionou uma veloz expansão da fé cristã em terras japonesas, que já contava com 150 mil fiéis no ano de 1579, incluindo alguns senhores feudais.

A partir de 1587, entretanto, suspeitando de possíveis interesses

¹ Mestranda em Estudos Literários - UFSM

imperialistas ibéricos por trás da ação dos jesuítas, começou a resistência do xogunato à expansão católica. Em 24 de julho, Toyotomi Hideyoshi (governou de 1585 a 1598) ordenou a expulsão em 20 dias de todos os missionários europeus. Nessa época, o número de cristãos chegava a 200 mil. Apesar do decreto, a maior parte dos religiosos permaneceu no Japão e a lei se tornou “letra morta”. Dez anos depois, entretanto, a ira contra os padres retornou, quando Hideyoshi recebeu informações de que grande parte do poderio do império espanhol teria se estabelecido em função da ação dos missionários daquele país e que preparariam o caminho para as invasões. Então, foi ordenada a execução imediata de 26 cristãos, entre japoneses e europeus, que foram crucificados. A partir daí, as práticas de execução e tortura de cristãos se tornaram habituais.

Com o governo de Ieyasu Tokugawa (1600 – 1616), a perseguição apenas se acirrou. A chegada dos ingleses e holandeses ao Japão, com críticas severas à ação missionária, apenas aumentou sua desconfiança contra os católicos. Em 1614, é promulgado o édito de expulsão:

The Kirishitan band have come to Japan... longing to disseminate an evil law, to overthrow true doctrine, so what they may change the government of the country, and obtain possession of the land. This is the germ of a great disaster, and must be crushed.²

A partir do governo de Iemitsu Tokugawa (1623 – 1651), o martírio se torna ainda mais brutal. Os cristãos são queimados vivos, amarrados em postes até que a subida da maré os afogue, pendurados de ponta-cabeça com cortes atrás das orelhas para sangrarem até a morte...

Em 1632, chega pela primeira vez em Roma a notícia de que um missionário jesuíta no Japão teria apostatado. O português Cristovão Ferreira, após seis horas de tortura, teria não apenas renunciado à sua fé, como mais tarde teria passado a colaborar com seus perseguidores. Em função dessas notícias, três jovens padres solicitam autorização para seguirem para o Japão a fim de dar orientação e conforto para os criptocristãos que teriam perdido seu líder e também para averiguar os fatos sobre Ferreira (que teria sido professor

² JOHNSTON, p. 6.

deles no seminário na Europa), se a apostasia era verdadeira e quais os motivos que o teriam levado a tal ato.

Entre estes estava o jesuíta Sebastião Rodrigues³ que, em sua trajetória, também será levado a negar sua fé, visando, num primeiro momento, salvar um grupo de cristãos japoneses da tortura – mas, principalmente, motivado pelas dúvidas que o afligem sobre o que vê no exercício do cristianismo no Japão.

A viagem de Rodrigues, mais do que uma simples demanda pelo seu mentor num território desconhecido, é, sobretudo, uma jornada de questionamento interior da sua própria fé no dogma cristão – horrorizado com o sofrimento dos camponeses japoneses, bem como com o cerco que se aperta em seu redor, Rodrigues depara-se com um conjunto de frustrações amargas que lhe farão rever e pôr em causa toda a sua adoração pela figura de martírio de Cristo – ao mesmo tempo em que tenta, desesperadamente, não abdicar dos valores e da fé que o guiaram durante toda a sua vida. Não é difícil encontrar, nas dúvidas do protagonista, paralelismos com a vida do autor, nem tão pouco perceber o que o terá motivado a escrever este romance - o próprio Endo teve uma vida preenchida de conflitos com a sua fé cristã, e foi só através de um estudo aprofundado da vida de Cristo e da descoberta de que o lendário mártir também tivera dúvidas que o autor conseguiu conciliar-se com a sua fé e com o mundo.⁴

O objetivo deste trabalho é pontuar os indícios fornecidos por Endo neste romance de que o catolicismo japonês é essencialmente diferente da experiência no Ocidente, por ser uma construção cultural estabelecida em outra base. Por outro lado, existe ainda a possibilidade de que a visão que Roma e os missionários registraram dos cristãos japoneses também seria fortemente equivocada, em função do desconhecimento da totalidade da cultura onde estes estavam se inserindo.

2. Características da religião católica no Japão: a necessidade de adaptação ou recriação cultural

³ Segundo o tradutor para o inglês, o padre William Johnson, o Rodrigues de Endo é na verdade o italiano Giuseppe Chiara.

⁴ GONÇALVES.

Endo era católico⁵ e suas dúvidas sobre o efeito da cultura sobre a crença religiosa começaram quando foi ao Ocidente, realizar seus estudos na Universidade de Lyon, tendo sobre ele grande impacto a expressividade da religiosidade católica na nossa cultura.

“Numa primeira fase, a catolicidade está de tal modo envolta nas vestes européias que Endo não pode admitir que alguém seja capaz de permanecer um tempo na França sem voltar para o Japão mais magro, em consequência de um estado geral de angústia.” (PAIVA, p.190)

A partir de então, ele começa a repensar a vivência da fé “estrangeira” e seus romances históricos vão retratar a dualidade desse questionamento: “quem somos nós, cristãos japoneses?” e ainda “o que somos nós, japoneses, no mundo cristão?”

Segundo Paiva:

A religião, com efeito, é um comportamento da pessoa em relação com um grupo ou uma instituição, que se manifesta segundo um sistema de signos, símbolos e linguagens específicos fornecidos por uma cultura. (...)

O conhecimento da cultura, de fato, como lembra C. Geertz (1973, p. 2000), permite dar sentido e apreender psicologicamente a realidade dos fenômenos, inclusive dos religiosos, particularmente graças às narrativas que os relacionam e a sua mise-en-scène ritual. Sob certo aspecto, a cultura é uma totalidade fechada, auto-suficiente e autocontida: o que lhe escapa não pode ser conhecido. Esse aspecto da cultura traz consigo a incomunicabilidade das culturas e reflete-se na célebre questão de Sapir-Whorf acerca da influência antecedente da linguagem sobre o pensamento.⁶

Percebendo as peculiaridades que isso implica, Endo criará a imagem do “pântano japonês”, alegando que a sociedade japonesa é como um pântano que aceita as influências externas, mas em seu seio acaba transformando tudo o que abriga.

(...) my Catholicism was a kind of ready-made suit... I had to decide either to make this ready-made suit fit my body or get rid of my Catholicism, but I was finally unable to do so. It is not just that I did not throw it off, but that I was unable to throw it off.

⁵ “Foi batizado como católico com a idade de 11 anos, por insistência de sua mãe, divorciada, que estava para morrer.” (PAIVA, p. 184)

⁶ PAIVA, p. 185

*The reason for this must be that it become a part of me after all. (...) Still, there was always the feeling in my heart that it was something borrowed, and I began to wonder what my real self was like. This I think is the 'mud swamp' Japanese in me. (...) "The mud swamp Japanese in me"... Japan is a swamp because it sucks up all sorts of ideologies, transforming them into itself and distorting them in the process.*⁷

Para o escritor, uma das principais barreiras culturais de seu povo para a assimilação da fé cristã seria a profunda conexão deuses/homens/natureza que está na base do Xintoísmo, a religião original japonesa, o que lhes roubaria a capacidade de compreender a transcendência, de compreender Deus como estando acima do homem e fora dele – conceito essencial para o Catolicismo.

Mas a explicação que Ferreira dá, posteriormente, desse ato e que ele procura transmitir a Rodrigues é de ordem totalmente diferente: os japoneses são incapazes de acolher o Deus do cristianismo porque não têm a idéia da transcendência de Deus, são insensíveis à experiência do pecado e concebem a morte como o simples retorno ao seio da natureza. Dito de outro modo, pela boca de Ferreira e também pela boca do principal perseguidor, Inoue, um ex-cristão, é o lodo, o pântano morno e absorvente da cultura japonesa, essa indiferenciação entre o homem, a natureza (e os deuses), que homogeneiza não importa que elemento que se queira nele introduzir. Por isso, as flores do cristianismo, apenas desabrochadas, apodrecem na raiz pelo lodo no qual imergem. Seu trabalho missionário no Japão é, por isso, inútil e mesmo impossível.⁸

Apesar de seus questionamentos, Endo nunca desiste da sua identidade de católico e defende que deve existir uma maneira japonesa de o ser:

*But, after all it seems to me that Catholicism is not a solo, but a symphony... (...) And unless there is in that symphony a part that corresponds to Japan's mud swamp, it cannot be a true religion. What exactly this part is – that is what I want to find out.*⁹

Porque o pântano japonês não precisa significar, necessariamente, o fim do catolicismo japonês. Se fora do ambiente cultural cristão ocidental a crença

⁷ O trecho em itálico é uma entrevista citada de Endo. (JOHNSTON, p. 12 - 13)

⁸ PAIVA, p. 187

⁹ Idem nota 7. (JOHNSTON, p. 15)

nunca será igual, a natureza flexível da essência de sua doutrina permitiria que ela revivesse como recriação fora de seu berço.

Note-se o fato de que Endo, apesar da opinião de alguns, dentre os quais Nakamura (Nakamura et al., 1997), nunca propôs “ajaponesar” o catolicismo ou mesclá-lo com o budismo ou o xintoísmo, precisamente porque essas posições religiosas são fundamentalmente antitéticas ao cristianismo. A maneira japonesa de ser católico, Endo a concebe como uma verdadeira humanização de Deus na pessoa de Jesus, seguido de perto por Maria e, na realidade, pelo conjunto de todas as Marias dos Evangelhos. Para Endo, com efeito, Jesus é a demonstração do Deus compassivo, misericordioso, próximo dos pobres, dos sofredores, dos fracos e dos pecadores. Jesus, psicologicamente, é como a mãe que, ao contrário do pai, não faz diferença entre os filhos nem impõe condições para reconhecê-los como seus. A partir daí, não é mais necessário escolher entre o côncavo e o convexo: essa distinção e outras, embora verdadeiras sob um ponto de vista, não são indispensáveis. Ao contrário, quando alguém pode abandonar-se à compaixão maternal de Jesus, pode também descer, de um modo criativo, ao que corresponde o solo morno da natureza e dele sair transformado, como a flor do lótus.¹⁰

Mais do que o interesse na reconstituição histórica, a obra de Endo parece falar ao japonês contemporâneo, indicando um possível caminho para as tensões religiosas/culturais/psicológicas entre os fiéis de seu país. A história mostra o trajeto percorrido, que parece apontar para um novo caminho – apesar de todo o sentimento nostálgico e opressivo que parece tornar impossível uma solução para esse passado. Para ele parece claro que o maior conflito pessoal dentre estes tem suas raízes na questão cultural, mas acredita que essa é uma prova especial que Deus teria concedido ao seu povo:

“This problem of the reconciliation of my Catholicism with my Japanese blood... has taught me one thing: that is, that the Japanese must absorb Christianity without the support of a Christian tradition or history or legacy or sensibility. (...) No doubt this is the peculiar cross that God has given to the Japanese.”¹¹

Apesar de toda dificuldade e barreiras, Endo opta pela identidade cristã e advoga que ela seja viável.

¹⁰ PAIVA buzuzu

¹¹ Idem nota 5.

Nessa fase, Endo prefere viver antes como católico do que como japonês, com as conseqüências psicológicas, e certamente religiosas, ligadas a essa escolha. Entre essas conseqüências psicorreligiosas, pode-se contar a rigidez da justiça divina e a aniquilação de si mesmo diante da culpa (...)

¹²

Sua “recriação cultural” do Catolicismo vai permitir uma visão de um Deus doce e misericordioso, sempre disposto a perdoar a fraqueza dos homens (tão bem representada no romance pela covardia de Kichijiro e pelas dúvidas de Rodrigues), que solicita deles que seja mesmo pisado e rejeitado para protegê-los e amá-los incondicionalmente¹³.

3. O império católico no Japão: Fracasso?

A primeira impressão dos padres católicos sobre os japoneses foi de encantamento. Xavier os chamava “alegria do meu coração”¹⁴. Eram considerados dóceis e inteligentes e a facilidade de penetração do novo credo agradou muito os jesuítas. Em conjunto com o italiano Valignano, seu trabalho formou a base do cristianismo no Japão.

Entretanto, acreditariam esses católicos japoneses, que tão docilmente acataram a nova doutrina, no mesmo que os fiéis do Ocidente? Ainda, do mesmo modo? Aplicando aqui o raciocínio de Edward W. Said, até onde o Japão católico existe e até onde é uma invenção dos missionários? Nesse ponto é importante recordar que a maior parte da história desse período, referente aos cristãos, foi compilada das cartas dos jesuítas e que existe muito pouca documentação japonesa a respeito.

Sobre o orientalismo europeu, Said coloca:

Comecei com a suposição de que o Oriente não é um fato inerte da natureza. Ele não está meramente ali, assim como

¹² PAIVA, p. 190

¹³ “And then the Christ in bronze speaks to the priest: “Trample! Trample! I more than anyone know of the pain in your foot. Trample! It was to be trampled on by men that I born into this world. It was to share men’s pain that I carried my cross.” (ENDO, p. 271)

¹⁴ JOHNSTON, p. 2

tampouco o Ocidente está apenas ali. Devemos levar a sério a grande observação de Vico de que **os homens fazem a sua história, de que só podem conhecer o que eles mesmos fizeram** e estendê-la à geografia: como entidades geográficas e culturais – para não falar de entidades históricas –, tais lugares, regiões, setores geográficos, como o **“Oriente” e o “Ocidente” são criadas pelo homem.**¹⁵

Será realmente possível transplantar uma religião para um contexto cultural/filosófico tão diverso?

Shusaku Endo parece ter dúvidas quanto a isso – ou, enquanto escritor assumidamente católico, ao menos acredita na existência dessas dúvidas por parte do clero e dos fiéis. No romance, o principal veiculador delas é Sawano, o apóstata Cristóvão Ferreira, encarregado de convencer Rodrigues:

‘And supposing the God whom those Japanese believed in was not the God of Christian teaching...’ Ferreira murmured these words slowly, the smile of pity still lingering on his lips.

(...)

‘You are denying the undeniable,’ he said aloud.

‘Not at all. What the Japanese of that time believed in was not our God. It was their own gods. For a long time we failed to realize this and firmly believed the they had become Christians.’ (...) ‘I am saying this neither to defend myself nor to convince you. I suppose that no one will believe what I am saying. Not only you but the missionaries in Goa and Macao and all the European priests will refuse to believe me. And yet, after twenty years of labor here I knew the Japanese. I saw that little by little, almost imperceptibly, the roots of the sapling plant we had planted decayed.’

(...) ‘Saint Francis Xavier, when he was in Japan, did not have that idea.’

‘Even that saint’, Ferreira nodded, ‘failed to notice this. But his very word “Deus” the Japanese freely changed to “Dainichi” (The Great Sun). To the Japanese who adored the sun pronunciation of “Deus” and “Dainichi” was almost the same. Have you not read the letter in which Xavier speaks of that mistake?’ (...) ‘The Japanese till this day have never had the concept of God; and they never will.’¹⁶

Rodrigues se debate entre essas ideias, as cenas que assiste no Japão e suas convicções anteriores. Sua resolução final será a da apostasia, pois conclui que é mais importante salvar os fiéis da tortura que qualquer outra

¹⁵ SAID, p. Os negritos são da autora deste artigo.

¹⁶ ENDO, p. 237

coisa, pois para ele (para Endo) só fará sentido um Deus amoroso que perdoe as fraquezas humanas.

Esse Cristo compassivo compreende e perdoa as fraquezas humanas, cujo protótipo de quedas, levantamentos e recaídas é Kichijiro, um cristão traidor, arrependido, de novo traidor, de novo arrependido, e assim por diante. Num sentido mais profundo, Deus não se cala: ele grita aos cristãos perseguidos e esse grito, de Deus e dos cristãos, pede misericórdia. É o que lhes concedem os missionários apóstatas.¹⁷

Ainda segundo Paiva: “Endo vê Deus antes como uma mãe que compreende a fraqueza humana e que, por causa disso, está sempre ao lado do homem sofredor.” (PAIVA, p. 184)

O autor defende que essa sutil diferença de visão, que derruba a ideia de um Deus pai e rigoroso¹⁸, está na própria maneira japonesa de conceber a divindade, diferença perceptível na própria língua:

(...) insiste no aspecto passivo próprio de *amae*, isto é, o fato de “ser amado” (to be loved) por alguém significativo (em geral os pais), e não o fato de “amar” (to love) simplesmente. Segundo ele, o Ocidente, por influência da filosofia grega e do cristianismo, reforçou o sentido ativo de “amar”, a ponto de esquecer a pessoa que é o objeto do amor, enquanto a psicologia dos japoneses repousa no aspecto passivo que exprime o fato de “ser amado”.

Etimologicamente, *amae* é o substantivo do verbo *amaeru*, que pode ser traduzido como “depende do e confia no amor de um outro”. A palavra tem a mesma raiz que *amai*, “doce”. E *amaeru* evoca o sabor de “doçura” que, segundo Doi, embebe as lembranças da infância de quase todos os adultos japoneses.¹⁹

Essas diferenças culturais quase inconciliáveis parecem ter passado despercebidas pelos missionários europeus. Conquanto o número de fiéis continuasse crescendo e a expansão religiosa parecesse promissora, o solo japonês parecia ideal para fundamentar a Igreja²⁰. Além da dificuldade de assimilação de um deus único, severo e transcendente, existiam sérias

¹⁷ PAIVA, p. 187

¹⁸ “Segundo Endo, os decaídos que permaneceram fiéis foram encontrados por missionários franceses por volta de 1870, seu sinal de reconhecimento tenha sido um sinal feminino, exatamente “Santa Maria”, em português (Druix, 1999).” (PAIVA, p. 193)

¹⁹ (PAIVA, p. 192)

²⁰ Difícil precisar até que ponto essa crença era isenta. Segundo Said, não existe manifestação cultural ou literária que seja “historicamente inocente”. (SAID, p. 59)

divergências nas ideias de pecado e culpa, assim como na ideia de morte, que para os japoneses seria um retorno à natureza.

Da mesma forma, apesar de estarem profundamente envolvidos na política japonesa, tendo inclusive dominado o idioma²¹, não foram capazes de prever as mudanças que levariam à reação do xogunato contra a ação jesuítica. Anteriormente envolvidos com culturas que, uma vez conhecendo a doutrina cristã, reconheciam integralmente seu poder como líderes espirituais, nunca lhes ocorrera que os governantes por eles influenciados pudessem ter uma visão tão clara das motivações políticas por detrás de suas atividades de catequese.

Os católicos argumentavam que, se a fé dos japoneses não fosse verdadeira, eles não teriam suportado tanta repressão e morrido em martírio de maneira tão exemplar. Mesmo contra o romance de Endo, protestam afirmando que

the martyrs heard the voice of Christ (...) but for Ferreira and Rodrigues God was silent. Does this not mean that from the beginning those priests had no faith?(...) If Japanese cannot understand Christianity, how has it been possible for Mr. Endo to write such a novel?²²

Esse tipo de resistência à argumentação de Endo teria, inclusive, vetado ao autor o prêmio Nobel de Literatura²³. De qualquer maneira, a morte dos mártires apenas prova que eles tinham grande resistência psicológica e imensa convicção – mas não que essa causa seja a mesma de seus confrades europeus ou que seu entendimento da cristandade seja o mesmo.

²¹ Ao contrário dos orientalistas europeus, citados por Said, os jesuítas conheciam bem o idioma e estudaram a cultura do país onde estavam penetrando – mas isto os teria impedido de construir uma imagem ficcional e equivocada? “Em Portugal - o caráter de milícia era evidente, acabando a Companhia por se tornar a arma mais poderosa da Contra-Reforma. D. João III, aconselhado por André de Gouveia, solicitou a Loiola o envio de irmãos para a evangelização do Oriente.(...)Acima das inevitáveis ambiguidades, as missões dos jesuítas impressionam pelo espírito de inculturação (adaptação à cultura do povo a quem se dirigem).” (WIKIPEDIA)

²² Comentário do Professor Yanaibara. JOHNSON,. 16-17

²³ Seu nome foi pensado para o Nobel, se dermos crédito a Morio Kita, que afirmou: “[o] escritor Agaya Hiroyuki contou que alguém, do comitê do Prêmio Nobel, se opôs obstinadamente à lógica dessa apostasia [de Rodrigues, em Silêncio], e que Endo nunca receberia o Nobel enquanto essa pessoa estivesse viva” (Nakamura et al., 1997, p. 77). (PAIVA, p. 184)

4. Considerações finais

Através dos questionamentos que transparecem em “Silêncio”, Shusaku Endo nos apresenta uma série de novas possibilidades de interpretação do Catolicismo no Japão, levando em conta as divergências que a doutrina cristã apresenta com a filosofia japonesa em sua origem. Apesar de toda habilidade jesuítica na transposição cultural para a catequese, muitos pontos parecem não se ajustarem completamente e a visão da Cristandade no arquipélago parece apresentar aspectos fundamentalmente diferentes de seus correlatos europeus. Os conceitos de morte e de culpa parecem nunca ter atingido uma uniformidade com o que conhecemos no chamado “mundo judaico-cristão” e a figura de Deus parece ganhar conotações muito mais doces e compassivas naquela parte do mundo.

Além da posição dos fiéis, a forma como a Igreja Católica realizou sua ação de catequização através da Companhia de Jesus é colocada em cheque e levanta questões que podem fazer vir a compreender a aparentemente inexplicável – e, nessa intensidade, inédita no trabalho da ordem (nessa época o Japão também contava com um grupo de evangelizadores franciscanos, mas as estratégias de expansão foram prioritariamente estabelecidas pelos jesuítas) – reação do xogunato à influência dos padres sobre a população, que culminou em sua expulsão e numa série de execuções e assassinato exemplarmente cruéis.

Enquanto empresa de cunho imperialista, ainda que seu imperialismo não fosse de ordem estritamente material, é possível que o conhecimento dos missionários sobre o Japão tenha tido a superficialidade do “algo com que tem que se lidar”²⁴ e embotado sua capacidade de percepção da crise repressora que estava por eclodir; assim como das diferenças filosóficas (inconciliáveis?) entre sua crença e a dos novos convertidos.

Referências

ENDO, Shusaku. *Silence*. Tokyo: Sophia University; Rutland, Vermont: The Charles E. Tuttle Co., 1972

²⁴ SAID, p. 64.

GONÇALVES, Ricardo. *Silêncio de Shusaku Endo* 遠藤 周作. In: Bungaku! Clube de Literatura Japonesa. Universidade do Minho, 21 de julho de 2007. Disponível em < <http://bungakuuu.blogspot.com/2007/07/silncio-de-shusaku-endo.html>> Acesso em: 5/JUL/2010.

JOHNSTON, William. Translator's Preface. In: ENDO, Shusaku. *Silence*. Tokyo: Sophia University; Rutland, Vermont: The Charles E. Tuttle Co., 1972

PAIVA, Geraldo J. *A Literatura Católica Contemporânea no Japão*. In: REVISTA USP, São Paulo, n.79, p. 183-194, setembro/novembro 2008. Disponível em < <http://www.revistasusp.sibi.usp.br/pdf/revusp/n79/17.pdf>> Acesso em: 20/JUN/2010.

SAID, Edward W. *Orientalismo*. São Paulo: Ed. Schwarcz, 2008.

WIKIPEDIA. Companhia de Jesus. Disponível em < http://pt.wikipedia.org/wiki/Companhia_de_Jesus> Acesso em 9/JUL/2010.